



VIDAS NOTURNAS E CULTURAS URBANAS: ENTRE NOITES QUE NUNCA TÊM FIM E TOQUES DE RECOLHER

■ MARCOS PAULO FERREIRA DE GOIS

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: marcosgois@igeo.ufrj.br



RESUMO: O artigo explora a relação complexa entre a vida noturna e a cultura urbana, contestando a narrativa jornalística de seu declínio. Aborda a percepção de crise baseada em mudanças geracionais e examina os impactos da pandemia de COVID-19, que acelerou tendências de isolamento e afetou a economia noturna. O texto enfatiza a importância dos espaços públicos noturnos para a democracia e a expressão de grupos sociais, destacando como a violência e as dificuldades de mobilidade impactam a decisão das pessoas de sair à noite. Conclui que a discussão sobre a noite urbana deve ir além de preconceitos, focando em soluções para a insegurança e acessibilidade que afetam a convivência nas cidades.

Palavras chaves: noite urbana, espaço público, vida social, violência, mobilidade urbana.

NIGHTLIFE AND URBAN CULTURES: BETWEEN ENDLESS NIGHTS AND CURFEWS

ABSTRACT: This article explores the complex relationship between nightlife and urban culture, challenging the journalistic narrative of its decline. It addresses the perception of a crisis based on generational changes and examines the impacts of the COVID-19 pandemic, which accelerated trends of isolation and affected the nighttime economy. The text emphasizes the importance of nocturnal public spaces for democracy and the expression of social groups, highlighting how violence and mobility difficulties impact people's decision to go out at night. It concludes that the discussion about urban nightlife must go beyond prejudices, focusing on solutions for insecurity and accessibility that affect coexistence in cities.

KEY-WORDS: urban night, public space, social life, violence, urban mobility.

VIDAS NOCTURNAS Y CULTURAS URBANAS: ENTRE NOCHES QUE NUNCA TERMINAN Y TOQUES DE QUEDA

RESUMEN: Este artículo explora la compleja relación entre la vida nocturna y la cultura urbana, cuestionando la narrativa periodística de su declive. Aborda la percepción de una crisis basada en cambios generacionales y examina los impactos de la pandemia de COVID-19, que aceleró las tendencias de aislamiento y afectó la economía nocturna. El texto enfatiza la importancia de los espacios públicos nocturnos para la democracia y la expresión de grupos sociales, destacando cómo la violencia y las dificultades de movilidad impactan la decisión de las personas de salir por la noche. Concluye que la discusión sobre la noche urbana debe ir más allá de los prejuicios, centrándose en soluciones para la inseguridad y la accesibilidad que afectan la convivencia en las ciudades.

PALABRAS-CLAVE: noche urbana, espacio público, vida social, violência, movilidad urbana.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos acompanhamos os sucessivos relatos de que a vida noturna se encontra em crise. Jornais brasileiros e estrangeiros anunciam que as pessoas estão saindo menos, bebendo menos e escolhendo atividades que acabam mais cedo. Tais notícias se baseiam em pesquisas realizadas em contextos sociais bastante distintos, mas incluem justificativas semelhantes: os novos lazeres virtuais, a busca por uma vida mais saudável, a sensação de aumento da violência e os problemas relacionados à mobilidade noturna. Enquanto as duas primeiras justificativas contemplam o cenário mais conhecido do que se convencionou chamar de período pós-pandêmico; as duas últimas revelam problemas que já estão sendo sinalizados desde os anos 2000.

Tendo em vista este cenário que se descortina na metade da década de 2020, pretende-se neste artigo apresentar algumas reflexões sobre a relação entre vida noturna e cultura urbana. O que chamamos de vida noturna é a experiência de sociabilidade que ocorre durante o período da noite, geralmente para a realização de práticas de lazer e de diversão. Já a cultura urbana é o conjunto de materialidades e de simbolismos associados à vivência nos espaços urbanos, o que envolve, ao mesmo tempo, a produção desse espaço e a interpretação de seus significados. Em suma, trata-se de um esforço de ponderação sobre os significados sociais da noite como

espaço-tempo criado no âmbito da cultura urbana e, mais do que isso, um espaço-tempo para a existência, manifestação e visibilidade de determinados grupos sociais que se veem invisibilizados por uma cultura urbana conservadora e, geralmente, normativa em relação aos comportamentos sociais desejados. Nesse sentido, a noite ganha a conotação de um espaço-tempo das possibilidades de transgressão das normas sociais e de tais imperativos conservadores (Cresswell, 1998; Dixon; Levine; McAuley, 2006), sendo abrigo e palco para aqueles que não se “enquadram” a tais princípios e que encontram em certos lugares da cidade durante a noite um momento para apresentar suas pautas, demandas e identidades sociais.

A ideia central deste breve texto é, portanto, apresentar discursos sobre a vida noturna, exibir seus problemas e identificar que grupos acabam sendo excluídos da encenação discursiva e, no limite, da própria cidade. Posteriormente, apresentamos o enquadramento da questão a partir das ações que visaram atingir as atividades noturnas durante o período da pandemia da Covid-19, registrando a evocação de imaginários conservadores na justificativa de algumas dessas ações. Em um terceiro momento retomo os problemas que, de fato, parecem ser preocupantes sobre a permanência deste espaço-tempo para o desenvolvimento da cultura urbana: a violência e a (i)mobilidade noturna como exemplos. Por fim, visando tirar algumas conclusões sobre o assunto, aponto a relevância da noite como espaço-tempo de visibilidade e de exercício dos comportamentos sociais desviantes. Tal exercício de reflexão se baseia em mais de dez anos de pesquisas sobre a vida noturna carioca e, portanto, será sobre tal recorte geográfico que surgirão os principais exemplos, mas eles se estendem, sempre que possível, para outros contextos em que há alguns anos uma rede de pesquisadores tem atuado para trazer luz aos imaginários e às experiências urbanas noturnas (Nofre; Eldridge, 2018; Turra Neto, 2021).

TOQUE DE RECOLHER: O FIM DA VIDA NOTURNA

A relação entre vida noturna e juventude possui uma grande visibilidade nas pesquisas sobre o tema (Bromley et al., 2000; Hollands, 2002; Almeida, 2008; Gallan, 2015; Roberts, 2015). Este espaço no debate sobre a noite urbana não é fortuito, mas advém do fato de que os jovens costumam ser os frequentadores mais assíduos de casas de show, boates, bares e espaços públicos noturnos (Chatterton; Roberts, 2003). Para eles se dirigem as propagandas e com eles se apresentam os ambientes noturnos. Por isso, quando são construídos os problemas da vida noturna, se costuma elaborar pesquisas de opinião e notícias que possuem como alvos os jovens. Atualmente os jovens são comumente agrupados no termo “geração Z”, o que inclui os nascidos entre 2000 e 2010, geralmente (Lee; Lee, 2024).

Algumas pesquisas recentes nos informam que a geração Z, composta por jovens que encontraram a maioridade durante a pandemia, sai menos, volta mais cedo para casa e consome menos álcool. Esta é a conclusão presente em diversos estudos encomendados por órgãos da imprensa nos últimos dez anos. Tais estudos apontam que apenas cerca de 25% dos jovens manifestam interesse em ir a boates e bebem 20% menos do que os jovens da geração anterior, especialmente no caso de jovens do mundo ocidental, onde a maioria das pesquisas foram realizadas. Em contrapartida, estes jovens estariam aderindo com maior frequência à prática de esportes, ao uso de redes sociais, ao consumo dentro de casa e às interações com a família e amigos¹. Tal cenário diverge significativamente daquele que encontramos ao realizar pesquisas sobre a vida noturna entre 2009 e 2015. Naquele contexto, as matérias de jornal falavam sobre

¹ “A relação da geração Z com a vida noturna”, por Laura Budin, FFW, em 08/05/2024. Fonte: <https://ffw.com.br/materias/a-relacao-da-geracao-z-com-a-vida-noturna/>

noites agitadas, com a presença de muitos jovens da geração anterior, do consumo exagerado e perigoso de bebidas alcoólicas, além dos relatos de uso de drogas ilícitas em espaços públicos e de iniciativas governamentais que visavam restringir a presença de comportamentos indesejados nas ruas das grandes cidades².

Em algumas matérias jornalísticas a geração Z também é apontada como sendo mais comunicativa, mesmo que boa parte da interação ocorra por meios de plataformas e aplicativos online. Eles avaliam o trabalho como um valor importante, ainda que não necessariamente associado a uma formação de nível superior. Devido aos custos elevados de imóveis e bens de consumo duráveis, entendem como positiva uma extensão da convivência nas casas de seus pais. Os custos também inibem as saídas noturnas e o consumo de drogas lícitas e ilícitas. Apesar disso, trata-se de uma geração que apresenta taxas crescentes de diagnósticos de estresse, ansiedade e depressão³.

A pandemia teve efeitos importantes para os jovens no mundo todo. Para alguns foi a oportunidade de se reconectar à família e de reduzir hábitos, como beber, fumar e se drogar. Pesquisas nos EUA e no Reino Unido chegaram a conclusões semelhantes: o consumo de bebidas alcoólicas vem se reduzindo com as novas gerações. Para alguns pesquisadores, como Amy Pennay, citada na matéria da BBC indicada na nota de rodapé ao final deste parágrafo, o comportamento de risco, geralmente associado à juventude, tem se tornado menos comum, assim como uma maior preocupação com o futuro tem sido mais presente nos relatos dos jovens da geração Z. A redução no consumo parece ter também alguma relação com o medo de ser exposto

² “Países europeus proíbem permanência de jovens nas ruas à noite para combater delinquência”, por O Globo, em 23/05/2009. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/paises-europeus-proibem-permanencia-de-jovens-nas-ruas-noite-para-combater-delinquencia-3139785>

³ “A geração que desbanca os millenials”, por El País, em 20/08/2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/19/internacional/1534683555_936952.html e “Geração Z: antes mentíamos aos pais para sair, agora mentem aos amigos para ficar em casa”, por Manuela Sanoja, El País, em 30/09/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/27/estilo/1569597592_555709.html

ou de facilitar o aparecimento de “gatilhos” de ansiedade. Há uma constante preocupação com a exposição da imagem, especialmente nas redes sociais e perder o controle se tornou um elemento de grande vigilância por parte deles⁴.

Outra preocupação é central: a economia, os custos de vida e o futuro. Nesse caso, os jovens que vivem em grandes cidades têm ainda mais elevada sensação de insegurança econômica, como relatam para uma pesquisa publicada em 2024 pela *Night Time Industries Association* para o contexto inglês. Nesse caso, para 68% dos jovens entrevistados a condição econômica era um fator importante para a redução das atividades noturnas, seguido por relatos sobre dificuldades de acessibilidade e de uso dos meios de transporte durante a noite, citado por 31% deles, com maior destaque para as opiniões das mulheres, que se sentiam inseguras em circular pelas cidades à noite⁵.

Em relatório publicado pela *Vital Strategies* sobre o consumo de álcool pelos jovens brasileiros, notou-se que houve uma queda relativamente importante dos consumidores regulares de álcool entre o período anterior à pandemia da Covid-19 e 2023. Apesar de ainda ser um grupo que consome bebidas alcoólicas, os jovens entre 18 e 24 anos foram superados por pessoas nas faixas etárias entre 45 e 64 anos. A mudança nos hábitos de consumo tem, inclusive, incentivado a criação de estratégias das empresas produtoras de bebidas. Visando atrair um público menos suscetível ao consumo de álcool, as empresas buscam oferecer opções mais atraentes, novos sabores, experiências gourmet e drinks elaborados com menos álcool, calorias, açúcares e outros aditivos para reduzir a possibilidade de rebordosas e efeitos danosos de longo prazo

⁴ “Por que a geração Z bebe menos que as anteriores?”, por Megan Carnegie, BBC, em 21/10/2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-63315138>

⁵ “Não são uma seca: jovens britânicos não saem à noite porque não têm dinheiro e não se sentem seguros”, por Maria Almendra de Carvalho, Público.pt, em 19/02/2025. Disponível em: <https://www.publico.pt/2025/02/19/p3/noticia/nao-sao-seca-jovens-nao-saem-noite-nao-dinheiro-nao-sentem-seguros-2122990>

para a saúde. O empresariado do entretenimento noturno também tem notado as mudanças de comportamento e criado estratégias de baladas que terminam mais cedo, que possuem mais lugares para as pessoas se sentarem e que dispõem de ofertas de alimentos mais saudáveis. Em alguns casos, trata-se de acelerações promovidas pela pandemia, como a maior preocupação com a saúde⁶.

Assim parece que as raves estão sendo substituídas pelas matinês e as “happy hours” se estendendo por menos tempo. As mudanças de comportamento sinalizam um novo sentido para a vida noturna, que termina mais cedo, que apresenta menos excessos e que exige adaptações do empresariado do entretenimento noturno. Esta mudança de comportamento, que poderia ser avaliada como positiva, pois, afinal, os jovens consomem menos drogas lícitas e ilícitas, desafia o diagnóstico consistente de uma juventude que relata sintomas recorrentes de infelicidade, frustração e ansiedade. Mais do que a ideia de uma “juventude saudável”, o que os diversos relatos aqui citados parecem indicar é que a decadência da vida noturna possui uma forte relação com a insegurança desta geração com o mundo ao seu redor. Tal insegurança remete a alguns pontos: o medo de se expor e de perder o controle publicamente e ser exposto nas redes sociais; o medo de sofrer algum tipo de violência ou constrangimento quando em público; as dificuldades econômicas enfrentadas por esta geração, o que implica em avaliar a pertinência de consumir produtos caros; os receios em relação à exposição a doenças que advém do contato pessoal; e, por fim, os desafios da mobilidade urbana durante o período noturno.

O que gostaríamos de salientar é que todos estes pontos já poderiam ser encontrados nos relatos sobre a vida noturna dos anos 1990, 2000 e 2010. As pesquisas

⁶ “A nova vida noturna: geração Z está bebendo menos e indo para casa antes da meia-noite”, por Carol Prado, G1, em 25/07/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/07/25/a-nova-vida-noturna-geracao-z-esta-bebendo-menos-e-indo-para-casa-antes-da-meia-noite.ghtml>

sobre a vida noturna nesse período relatam questões semelhantes (Góis, 2017). Porém, a pandemia, nos parece, teve um papel acelerador de tais situações, conforme apontam para a vida urbana de uma maneira mais geral Marvin et al. (2023). As medidas de isolamento e de distanciamento social e, mais do que isso, as milhares de mortes relacionadas à Covid-19, deixaram marcas nos jovens adultos que viram a sua maioridade passar nos cômodos das casas dos pais. Os efeitos ainda não estão claros, mas eu gostaria de indicar alguns problemas para pensarmos a vida noturna, os comportamentos sociais e a própria espacialidade jovem nas cidades.

À noite todos os gatos são pardos?

Não é necessário dizer que vivemos um momento um tanto sombrio no Brasil e no Mundo entre os anos de 2020 e 2021. A pandemia atingiu nossas vidas diárias de forma muito severa. A própria doença e as medidas públicas de restrição de atividades impactaram a vida, o trabalho e o lazer de todos – e de uns mais que os outros – desde março de 2020. Até o ato banal de sair de casa à noite tornou-se um ato arriscado.

A propagação do vírus tornou-se um problema público de grande repercussão (Kucharski, 2020; Li; Dai, 2020). As conhecidas medidas de isolamento e de distanciamento social, ou seja, a redução de atividades que geram potenciais aglomerações de pessoas em espaços fechados e abertos foram pautas de intensos debates sociais. Inicialmente estas medidas foram muito restritivas, afetando áreas comerciais e de serviços. Foram permitidas apenas atividades consideradas essenciais para conter os efeitos da pandemia, como serviços hospitalares e de abastecimento. Com o tempo, as medidas de isolamento foram flexibilizadas e a abertura da economia quase nos fez voltar às práticas anteriores à pandemia (The Lancet, 2020). O que em

parte vemos o resultado agora, em novas modalidades de entretenimento, em acelerações de antigas relações de trabalho, na reconfiguração de mobilidades noturnas.

A economia noturna foi severamente impactada pelas medidas, pois bares, restaurantes, cinemas, teatros, casas de espetáculos fecharam prontamente ou tiveram horário de funcionamento reduzido. Muitas empresas fecharam nesse período, houve queda no lucro na maior parte do setor e uma reestruturação em torno de eventos especiais e entregas (Sott; Bender; Baum, 2022; Góis et al., 2022). Ao longo do tempo, as medidas de isolamento social permitiram um retorno gradual às atividades, o que possibilitou uma breve recuperação da economia noturna. Algo que teve curta duração, já que as restrições voltaram no início da segunda onda, em novembro de 2020, e, depois, na terceira onda, em março de 2021 (Moura et al., 2022). Todo esse movimento parece não ter sequer acontecido, tendo em vista que hoje em dia tais ações se tornaram uma memória aparentemente longínqua. Porém, boa parte dos jovens se viram implicados em um meio social mais árido, em que circularam menos, interagiram à distância e tiveram menores possibilidades de ampliar o seu mundo conhecido.

Muitas imagens foram veiculadas pela imprensa e pelo governo local para construir uma narrativa de contrastes, entre trabalho e lazer, entre dia e noite, entre festa e tristeza. Algumas imagens e textos evocavam antigas imagens sobre noites e festas como locais de transgressão da ordem, de degradação moral e até de incivilidade dos seus frequentadores. Em outras imagens, deu-se maior atenção ao problema e as ocorrências foram relativizadas a partir do problema infringido à economia e à sustentabilidade dos negócios, alguns deles tradicionalmente associados à vida noturna. Logo, de um lado, a criminalização do lazer; do outro, o medo da crise econômica e do desemprego.

É um tema muito polêmico e até 2021 contava com uma grande audiência pública, que se dirigia às mídias e às redes sociais para denunciar as interações sociais arriscadas, sejam elas em espaços privados, sejam em espaços públicos. Quem poderia sair e se divertir em meio a uma pandemia? Os julgamentos públicos eram compostos por cenas em que ruas, bares e boates eram exibidos como lugares de concentração de jovens irresponsáveis que colocavam a população, especialmente pessoas idosas e com alguma comorbidade, em risco iminente de óbito. Um dilema trágico colocado em cartaz a partir de um discurso moral evocado por imagens de fragrantemente que exibiam comportamento transgressores da ordem social vigente (Góis et al., 2022).

O que quero ponderar é que no meio de tantas medidas e de tantos discursos, há um endosso à ideia de transgressão associada à noite e um profundo desconhecimento sobre os comportamentos que se desenvolvem nos seus centros noturnos. Mais ainda: pouco se sabe sobre os ritmos da cidade, sobre os circuitos e estratégias de mobilidade noturna urbana, os perigos antigos para os corpos fragilizados, precarizados e desejados. Portanto, deste desconhecido mundo se fez um discurso frágil de tom fiscalizatório. Apesar de farta produção científica sobre o tema, ainda sabemos muito pouco sobre os efeitos que esse período terá para a forma como pensamos as cidades e a vida social.

De fato, após a crise aguda, o remédio recomendado tem sido o retorno ao velho normal. Mas o que era esse velho normal? Rotinas comprometidas pelas longas horas de deslocamento entre casa e trabalho, que comprometem até quatro horas diárias em transportes públicos lotados, caros e em péssimo estado de conservação. Os afetados? A população pobre, periférica e, em sua maioria, formada por pretos e pardos (LabCidade, 2020a; LabCidade, 2020b). Deslocamentos que não se resumem, obviamente, à rotina descrita entre casa e trabalho, mas que incluem saídas para estudar, ter lazer e realizar

o cuidado com a própria saúde (Pereira et al., 2020). A pandemia expôs sem retoques a nossa imensa distância social, econômica e geográfica. O moralismo mirou os jovens, mas esqueceu de notar seus nexos socioespaciais mais relevantes.

Vida noturna e espaços públicos

Após expormos a maneira como a imprensa enquadra o problema da decadência da vida noturna e como esse processo parece guardar importantes relações com o período pandêmico, gostaríamos de iniciar esta seção explicando o ponto de vista sobre este problema e como ele afeta a maneira como vivemos as cidades à noite. Este problema se organiza a partir do entendimento que a cultura urbana floresce em meio ao difícil diálogo entre os diferentes e que para esse diálogo existir é necessário um espaço. Esta perspectiva advém do que foi por anos defendido por Paulo Cesar da Costa Gomes (2001; 2018; 2020): o exercício da democracia ocorre a partir de uma referência espacial, locais em que se discutem as diferenças, se estabelecem regras de convivência e onde a diversidade encontra uma possibilidade de manifestação, um lugar para ver e ser visto. Esta referência é o espaço público, local em que a diversidade social e a copresença dos indivíduos são partes constituintes e fundadoras da própria cidadania. E a cidadania, em si, preserva em seu radical a sua origem nas cidades, nesta forma de organização espacial de uma vida urbana, de onde deriva outra noção importante: a urbanidade. Encontram-se, portanto, em todas estas palavras um mesmo sentido: a civilidade entre os comuns e a igualdade perante as leis. Tais princípios visam garantir que todos deverão saber conviver com respeito mútuo, independente de suas marcações sociais. Tal exercício não é de forma alguma simples, mas é bastante desejável se quisermos defender ainda alguma possibilidade de vivermos juntos.

Esta forma de abordar a convivência, o estar junto, foi forjada no âmbito de uma cultura claramente localizada no tempo e no espaço: a Antiguidade Clássica, nas costas do Mar Egeu, berço da civilização grega. Antes que o leitor revire os olhos, devemos acalmá-lo, pois não faremos essa digressão histórica. Só quero indicar um ponto relevante: apesar dessa conhecida origem, esta noção de espaço público se estendeu para ambientes culturais muito distintos, mas preservando os fundamentos já descritos: a copresença, a visibilidade e a isonomia (Berdoulay; Castro; Gomes, 2001; Gomes; Parente-Ribeiro, 2018; Berdoulay; Lolive; Gomes, 2019). Além disso, quero indicar que essas relações entre culturas ao longo do tempo também contribuíram para a consolidação desta forma de organização do espaço por meio da política. Isto fez com que outras áreas recebessem visibilidade, especialmente nas cidades. Além da ágora grega, as praças públicas, os cafés, os parques, as praias e outros tantos lugares se tornaram palco e enredo da vida pública urbana.

Hoje há uma infinidade de potenciais espaços públicos, os quais preservam, ao mesmo tempo, os mesmos princípios contidos na ágora grega e os signos das culturas em que são forjados, preservados e ampliados. Por isso, faz sentido aqui afirmar que é necessário para a manutenção da vitalidade das cidades, das culturas urbanas e dos seus habitantes que se produzam meios de ativação dos espaços públicos. É por isso também que quando se age no sentido de reduzir as presenças compartilhadas em um mesmo espaço se age no sentido da redução da própria democracia e do empobrecimento da cultura urbana. O caso da pandemia foi, portanto, emblemático. Para conter a crise sanitária foi preciso isolar e distanciar, eliminando a copresença e, assim, reduzindo os possíveis diálogos públicos, aos poucos ajustados ao formato virtual das redes sociais e às bolhas identitárias de difícil negociação de posições ideológicas.

De um modo geral, a pandemia expôs um processo social que era gestado há alguns anos: a redução do poder fusional dos espaços públicos e o encastelamento em posições políticas extremadas. Não quero prosseguir nas consequências desse processo, já bastante documentado, mas apenas indicar que tais problemas se estenderam para as noites urbanas e para a vida social nos espaços públicos durante este período. Os relatos que abrem este artigo e que compõem diversas matérias de jornais, revelam os efeitos pós-pandêmicos dessa crise instalada no meio social anos antes: o acirramento das violências, o fortalecimento das redes sociais virtuais e o aprofundamento das sensações de medo e de fragilidade das relações sociais.

Como já dissemos acima, as aglomerações noturnas, especialmente aquelas dirigidas para o lazer de jovens, foram rapidamente incorporadas nas medidas iniciais de fechamentos decorrentes da pandemia. De modo geral, ao impedir que centros de lazer e de entretenimento noturno funcionassem, as medidas legais operadas durante a pandemia tiveram como efeito imediato o esvaziamento – também – dos espaços públicos (Nofre; Garcia-Ruiz; Martins, 2023; Straw, 2022). É preciso, portanto, corrigir um equívoco recorrente, já sinalizado por Gomes (2018): espaços públicos não podem ser confundidos com logradouros públicos – as vias de um município que estão sob a gestão de um órgão público, por exemplo – ou com bens públicos – objetos do controle e do arcabouço patrimonial de uma instituição pública, como aqueles sob a tutela de um estado da federação, por exemplo. Os espaços públicos precisam ser ativados pela vida social. Toda praia é, por Lei, um bem público onde deve-se permitir o acesso livre, mas nem toda praia é um espaço público, no sentido político do termo. Uma praia deserta, que não possui a presença de qualquer ser humano não é um espaço público. O mesmo pode ser dito por uma praia cercada por um resort, no qual há a presença de pessoas de

um mesmo grupo social, mas não há qualquer possibilidade de exercício da diferença, da alteridade e, portanto, de relações de poder que viriam a expor uma esfera pública.

É neste último ponto que gostaria de me fixar. Os eventos noturnos também ativam os espaços, transformando-os em espaços públicos. Algumas áreas só são ativadas durante a noite, em muitos casos para atividades de lazer ou confraternizações, mas também para o trabalho e o estudo, o atendimento médico e manutenção dos sistemas de transportes. Geralmente, no sentido forte do termo, os espaços públicos são povoados por esta diversidade de usos. Para que isso ocorra é fundamental que sejam criados formas, tecnologias, eventos e dispositivos para atender a demanda de um público. Não são todos logradouros de uma cidade que exerceram essa atração durante a noite. É, aliás, comum que ocorra uma inversão das centralidades, ou seja, que áreas que são ativadas durante o horário comercial estejam vazias ou bem pouco movimentadas durante a noite e que, ao contrário, áreas pouco movimentadas durante o dia sejam ativadas no período noturno ou que ganhe um novo conteúdo social (Góis, 2017).

Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, tais atividades ocorrem principalmente em centros noturnos, que reúnem, por exemplo, polos gastronômicos, centros culturais, baixos, inferninhos, zonas e fervos. Geralmente são locais abertos ou que existem entre espaços privados e públicos, como ruas, praças, calçadas, que confrontam locais comerciais, de lazer e de trabalho, de festejos e de labutas. Neste aspecto, o tipo de vida noturna que ocorre na cidade tem características próprias em relação a outras cidades onde, geralmente, a vida noturna se encontra em espaços fechados ou privados, como discotecas, restaurantes ou casas de espetáculos, exclusivamente. A cultura pública, de rua, é parte fundamental do ser e viver da e na cidade. Este é, aliás, o vernáculo da cultura popular que se inscreve na rua, seja dia, seja

noite. A maior abertura para o encontro social ocorre nesses lugares que são animados pela vida pública, em que pessoas de origens distintas interagem e negociam a sua copresença. Neste sentido, jovens encontram pessoas de outras gerações, com gostos, valores, posicionamentos políticos, interesses sexuais, origens e histórias distintas. Contatos que extrapolam significativamente o mundo constrito das relações de parentesco e vizinhança.

A existência desta noite urbana e pública depende de que meios que garantam o interesse em ir e permanecer nesses lugares durante a noite existam. Nesse caso, é preciso entender que o desejo de ir a atividades fora de casa durante a noite não é apenas explicado por mudanças geracionais ou por uma nova atitude frente à qualidade de vida, mas por múltiplos fatores. Alguns desses, de ordem social, não serão analisados aqui, pois não tenho os meios para tratar as questões relacionadas aos custos elevados de vida e a inflação dos divertimentos noturnos. Tampouco me atrevo a falar sobre o papel das redes sociais, das plataformas de entregas e caronas e dos aplicativos de relacionamentos que possuem grande relevância hoje em dia. Me atenho apenas a dois aspectos: as imobilidades noturnas e as violências associadas ao noturno. Dois fatores que podem ser abordados a partir da perspectiva geográfica.

Desigualdades e imobilidades noturnas

Os locais que costumam reunir um público socialmente diverso não são tantos e costumam estar concentrados em algumas áreas das cidades. Existe um padrão que geralmente se repete: os centros da vida noturna costumam se concentrar em áreas periféricas aos centros da vida diurna, geralmente em poucas ruas que seguem o centro antigo em direção aos bairros residenciais ou estão associados a algum bairro de classe

média-alta, usualmente em ruas que reúnem bares, restaurantes e casas noturnas com alguma fama adquirida nos últimos anos. É comum que estes bairros também sejam os mais visitados por turistas, especialmente quando se trata de grandes cidades. Nesses casos, para ter acesso à vida noturna é necessário realizar deslocamentos, que podem ser demorados, já que boa parcela da população urbana se encontra vivendo em bairros distantes de tais centros. Isto não quer dizer que não há centros da vida noturna em bairros da periferia, mas que eles costumam reunir um número menos significativo e diverso de pessoas ou em que a oferta não esteja de acordo com os desejos de alguns de seus habitantes (Góis, 2017).

Na cidade do Rio de Janeiro está concentração de centros noturnos envolve o bairro do centro e a zona sul. Isto é explicado por alguns fatores, como a consolidação do lazer e entretenimento nestas áreas, o seu caráter turístico e o histórico de investimento público. As principais atividades noturnas, como boates, bares e restaurantes e casas de show, estão localizadas nessas áreas, por exemplo. Recentemente Leonardo Iório (2021) notou padrão semelhante na localização dos “baixos”⁷ no Rio de Janeiro, com a difusão da sua lógica para toda a cidade a partir da década de 1980.

Se durante o dia o que ocorre é uma concentração de deslocamentos que causam engarrafamentos e lotação do transporte de massa; durante a noite é a ausência de opções de transporte público que sobressai. Além disso, as experiências dos frequentadores da noite carioca estão permeadas de relatos de longas esperas em ruas e terminais desertos, de transportes públicos que nos deixam em áreas perigosas, de encontros não desejados com desconhecidos e de insegurança no retorno para a casa

⁷ Os baixos podem ser definidos como áreas que concentram bares e restaurantes que, geralmente, possuem atividade noturna intensa, mas que também operam ao longo do dia, servindo como área para a sociabilidade após a frequência de praias ou antes do movimento em direção a boates e casas de show. No Rio de Janeiro, os baixos do Leblon e da Gávea foram bastante famosos e tiveram papel importante na organização da vida cultural carioca nos anos 1970 e 1980.

(Góis, 2018). Para muitos isso já é motivo suficiente para não querer sair de casa após determinado horário ou para agir no sentido de somente retornar após o amanhecer.

Como sugeria Henri Lefebvre no seu livro de 1992 (2021), “*Éléments de rythmanalyse*”, as atividades sociais têm diferentes ritmos e intensidades, seja ao longo da passagem das estações do ano, seja ao longo de apenas um dia. Mais do que isso, cada lugar da cidade é regulado por uma rotina ou por uma coreografia criada cotidianamente. Este ritmo do espaço urbano é feito de caminhos e pontos de encontro. Existem elementos que estimulam ou reprimem os fluxos, acelerando ou desacelerando o ritmo. Em geral, esses ritmos também obedecem à organização social em relação ao tempo de funcionamento da economia urbana. Podem ser cíclicos ou lineares, mas sempre relacionados com a dinâmica social daquele momento. Os locais são ativados de acordo com as demandas do público e com base nos interesses de quem criou essas atividades. A redução da circulação na cidade durante a noite é parte desse ciclo diário de eventos que organizam o espaço-tempo. As pessoas conhecem essa variação rítmica, se organizam tendo ela em mente e criam estratégias para viver em meio a isso.

Se observarmos o padrão rítmico das viagens diárias de qualquer grande cidade brasileira veríamos situações muito similares⁸. Podemos perceber na maioria dos casos que entre 18h00 e 6h00 o fluxo de pessoas é drasticamente reduzido, cerca de 80% menos do que no horário comercial. Existe uma relativa dependência dos transportes públicos, embora os principais sistemas – metro e trens urbanos – não funcionem na maioria das cidades entre as 23h00 e as 5h00. Apenas poucos ônibus “da madrugada” ainda circulam pelas cidades. A ascensão dos aplicativos de compartilhamento de viagem é, em parte, resultado dessa ausência de um serviço regular que opere 24 horas por dia. Trata-se de uma variação rítmica conhecida pelos motoristas de aplicativo e

⁸ Ver para o caso do Rio de Janeiro a pesquisa origem-destino realizada pelo governo do estado, disponível em: https://setrerj.org.br/wp-content/uploads/2017/07/175_pdtu.pdf

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, JUL/DEZ DE 2025, N. 53 a 58, P. 88–116.

<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

taxistas. Eles se preparam para o fim da noite, para o término de eventos de grande público e para as ausências dos sistemas de mobilidade urbana que não atendem às demandas dos cidadãos. Se concentram na saída de boates, bares, pubs e casas de show à espera de corridas para os bairros residenciais.

Nos finais de semana era comum que se observasse um aumento dos fluxos durante a noite e um período de extensão da presença em áreas próximas aos setores laborais tradicionais. Estes padrões também repercutem estratégias cotidianamente acionadas pelas pessoas para viver a cidade. São repetições cíclicas semanais. Curiosamente, antes da pandemia, este período, chamado oportunamente de “*happy hour*”, ocorria após às 17 horas das sextas-feiras, quando os trabalhadores de escritórios se dirigiam com os colegas de trabalho para os bares próximos para confraternizações animadas por bebidas alcoólicas a preços reduzidos (Góis, 2017). Como efeito da ampliação do trabalho remoto – uma aceleração pandêmica em vias de ser “desacelerada” – os trabalhadores passaram a ter jornadas semanais presenciais mais curtas, de dois a três dias de trabalho presencial apenas. Isto fez com que bares se adaptassem ao novo normal, antecipando o *happy hour* para as quintas-feiras. Logo, os ritmos mudaram, pois os espaços públicos e privados foram ativados em novos horários e em novos dias.

É importante pontuar nesse momento que descrevemos até aqui um processo que foi acelerado pela pandemia e que fez com que estratégias comuns do período “pré” ganhassem novo sentido no período “pós”. Algumas estratégias se tornaram mais recorrentes, outras praticamente desapareceram, mas todas foram colocadas sob o julgamento social, se tornaram um problema de ordem pública e passaram a ser elaboradas sob novas condições. Além do caso do *happy hour*, citado acima, gostaríamos

de trazer mais um exemplo para ponderar sobre o que descrevemos como processo de aceleração-desaceleração pandêmica, seguindo Marvin et al. (2023).

Se no caso do *happy hour* trata-se de algo que foi, em primeiro lugar, acelerado – o trabalho remoto – e, depois, desacelerado – a reunião rotineira de pessoas nas noites de sexta-feira; no caso dos circuitos noturnos algo semelhante ocorreu, mas que teve como protagonista principal algo que foi intensificado – a Operação Lei Seca – e que, depois, foi ainda mais acelerado por intermédio da plataformização dos meios de mobilidade urbana – a Uber como exemplo mais bem sucedido no Brasil – para, afinal, atuar na desaceleração de tal estratégia. Logo, entendo que a estratégia de estabelecer circuitos noturnos está em franco processo de desaparecimento. Assim, a ideia de criação de circuitos móveis pela cidade à noite, geralmente em veículos particulares que articulam pontos como boates, bares, barracas de *fast food*, postos de gasolina e afins, que descrevem Almeida e Tracy (2003) para o Rio de Janeiro ou mesmo os circuitos que articulam pedaços por meio de caminhadas, que analisa Magnani (2003) para São Paulo me parecem estar aos poucos sendo substituídos por outras estratégias que envolvem, cada dia mais, a fixação de lugares que reúnem múltiplos divertimentos noturnos e o estabelecimento de trajetórias programadas.

A redução dos circuitos resulta de ações que visam reduzir os deslocamentos em carros particulares por pessoas embriagadas, denotam o novo papel que os aplicativos de mobilidade possuem hoje em dia, mas, mais do que isso, revelam a insegurança que em muitas cidades as pessoas sentem ao sair nas ruas a partir de certo horário. Há outras explicações que, como vimos, são comuns, como o maior uso de redes sociais, de interações em plataformas de jogos online, das solicitações de bebidas e de alimentos por meio de aplicativos de logística alimentícia, como a *iFood* etc. Porém, há em cada uma dessas justificativas um nexo incontornável com a construção de um

olhar sobre a vida noturna que recupera os imaginários de transgressão, de insegurança e de luxúria para promover estes novos meios de interação social. Interações que não ocorrem mais com a mesma frequência do passado nos espaços públicos. Este recuo da civilidade e da urbanidade parecem refletir a própria dificuldade de compreensão dos nossos adversários políticos ou mesmo uma certa rejeição de conviver com a diferença. A violência é um sintoma significativo desse problema.

Medo e violência à noite

A relação entre violência e vida noturna é tema de grandes controvérsias para cientistas sociais, criminologistas e especialistas do planejamento urbano (Roy; Chowdhury, 2024). Não há consenso quanto as melhores soluções para evitar crimes à noite. Sabe-se que melhorar a iluminação pública, as patrulhas e o policiamento ostensivo ajudam, mas é particularmente difícil se determinar *onde* um crime pode ocorrer. Grandes eventos, que geram fluxo elevado de pessoas, costumam concentrar furtos e roubos. Ruas vazias e escuras tendem a ser locais em que ocorrem assassinatos, sequestros e violências sexuais. E todas essas possibilidades tendem a afetar a sensação de medo e de insegurança da população (Newton; Hirschfield, 2009; Welsh; Farrington, 2008).

O problema é que se trata de um efeito cumulativo. Com a sensação de medo, as pessoas saem menos de suas casas e ocupam menos as ruas. Com menos pessoas nas ruas, aumenta a sensação de ruas vazias e, portanto, o medo de circular por elas. Isto possui grande impacto para as possibilidades de interação social à noite (Jacobs, 2020; Perrone, 2019). Para o caso do Rio de Janeiro é reconhecido o papel da violência no enfraquecimento da democracia, na ruptura das relações públicas e na territorialização

de grupos armados (Misse, 2011; Hirata; Grillo; Telles, 2023). Em pesquisas realizadas em jornais nos últimos trinta anos, vemos uma correlação persistente entre períodos de aumento de conflitos violentos e atitudes de recolhimento, autosegregação e escapismo. Muitas áreas da cidade enfrentaram toques de recolher muito antes da pandemia. Nessas áreas, a circulação durante a noite representava risco de morte, roubo, agressão, sanções por parte do crime organizado, facções ou mesmo pelas mãos do próprio Estado. A própria violência oficial foi dirigida a corpos indesejados, a comportamentos imorais, a práticas consideradas inadequadas ou ilegais, geralmente direcionadas contra jovens. Estar na rua era perigoso, especialmente se no seu corpo existiam estigmas da desordem.

O medo da violência e a sensação de insegurança são problemas públicos com grande repercussão para a nossa sociedade: a retirada dos espaços públicos, o isolamento no ambiente doméstico e o congelamento da vida social refletem as marcações sociais da violência. Para o município do Rio de Janeiro, os dados do ano de 2019 (dois mil e dezenove) são claros (ISP, 2019). À noite e de madrugada ocorrem cerca de 45% da letalidade violenta, embora a circulação de pessoas represente apenas cerca de 15 a 20% do total durante o dia. Cerca de 80% das mortes ocorrem por armas de fogo. A grande maioria na Zona Norte do município. São assassinatos que acontecem longe dos centros noturnos, mas perto das áreas de moradia das classes médias e baixas da cidade. E aqui aludimos apenas ao problema dos assassinatos. Não exibimos os dados sobre agressões, roubos e violência contra a mulher, por exemplo.

Na pesquisa mais recente, realizada em 2025 pelo jornal O Globo com dados do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro para o ano de 2024⁹ – após

⁹ “No Rio, crime tem dia e hora marcados: veja quando são mais comuns as ações de bandidos que furtam, roubam e aplicam golpes”, Jornal O Globo, 27/07/2025, disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/07/25/hora-do-crime-veja-os-dias-e-os-horarios-mais-comuns-de-crimes-no-estado.ghml>.

a pandemia, portanto –, os resultados são bem próximos. Apesar da maior frequência diurna, bairros com Centro, Glória e Maracanã, registraram valores maiores de roubos e furtos para o período noturno, especialmente nos finais de semana, entre às 22 e às 3 horas da manhã. Já os roubos em transportes coletivos também encontram maior concentração no período noturno, especialmente durante o retorno para casa, entre 17 e 20 horas para os deslocamentos que ocorrem no entorno do Centro e na Zona Norte, e entre 19 e 22 horas para os deslocamentos que ocorrem ao longo da Avenida Brasil, em direção à Zona Oeste e Baixada Fluminense.

O que os dados atuais e passados nos permitem ver é que há um problema para a vida social noturna da cidade. Este problema está relacionado aos lugares e aos trajetos, onde se realizaria a vida noturna e ao longo dos percursos até esses lugares. As pessoas não se sentem seguras para ir e para ficar nesses lugares. Elas entendem que se deslocar durante a noite é um desafio que exige planejamento, o que inclui custos mais elevados para o pagamento de corridas em aplicativos, veículos particulares e táxis. Soma-se a isso a já inflacionada noite em bairros turísticos e polos de vida noturna da moda. A cultura da noite, especialmente em espaços públicos, se deteriora aos custos de uma cidade que se torna perigosa, pouco acessível e cara para os seus moradores. Este efeito é diferenciado segundo a renda, obviamente, mas afeta de forma ainda mais significativa os habitantes que vivem longe das centralidades noturnas. Como alternativa, estas pessoas ficam mais tempo em casa, se deslocam para centros de lazer como shopping centers e evitam até mesmo as noites nos centros de seus próprios bairros. Aqueles que decidem pagar tais custos o fazem com medo, lançam diversas estratégias de camuflagem e se cercam de cuidados (Patrício, 2023). Muitas vezes o fazem porque é durante os eventos noturnos que realizam os seus desejos, manifestam suas subjetividades e se apresentam como parte de uma coletividade. É na noite,

mesmo que perigosa, que buscam ou que encontram a realização da sua própria identidade (Silva, 2025).

Nesse sentido, é seguro afirmar que se a noite é vista como um momento que permite encontros sociais, a realização de desejos, diversão, festas, ela também aparece como um momento de medo, de ansiedade e de preocupação. Essa ambiguidade está presente no imaginário de muitas cidades brasileiras e encontra-se relatado em jornais e boletins de ocorrência e, pode ser mesmo que se descubram casos semelhantes em outras partes do mundo (Gallan; Gibson, 2011; Shaw, 2015; Duraković, 2019). Perigos e prazeres coexistem. Este é o imaginário ainda presente quando se fala sobre as noites urbanas. Em boa medida ele serve ainda como elemento de repulsa e de atração para um espaço-tempo ambíguo. Contudo, raramente se cria uma discussão em torno deste imaginário. Acredito que ainda precisamos de uma mudança na maneira pela qual criamos e operamos os sentidos da noite urbana. Uma forma de pensar geograficamente sobre os verdadeiros obstáculos para uma vida social urbana e não apenas em preconceções deslocadas de uma reflexão sobre as práticas, os comportamentos e as estratégias de uso dos espaços públicos e privados durante o período noturno.

A noite nunca tem fim...

Finalizamos com a defesa de uma ideia: devemos valorizar os espaços públicos, os ambientes sociais de interação, os locais que permitem a convivência democrática e a publicidade de nossa cultura. Para isso, devemos proporcionar melhores condições de circulação e presença de pessoas na cidade. Seja durante o dia, seja durante a noite. Ações que viabilizem trajetos e experiências urbanas desejadas. Não são soluções

simples, mas seguramente não podemos apenas afirmar que as pessoas não querem mais sair à noite ou que se trata de um perfil geracional. Estes enredos já foram criados anteriormente e não ajudam a entender o problema.

Mais do que apenas uma questão de preferência, o não sair à noite revela uma questão social de longa duração. A violência e a imobilidade urbana se mostram como aspectos centrais para entender as cidades, os habitantes, as culturas urbanas e a vida noturna. Sem tratar desses dois aspectos ficamos reféns de interpretações conservadoras que se agarram ao princípio da transgressão da ordem em defesa de interesses pessoais ou de grupos que possuem aversão às concentrações e aos divertimentos populares. Afinal, odeiam estas fontes de onde se nutre toda cultura, a riqueza contida no contato e na hibridização dos desejos e das ações.

As pessoas não se sentem seguras para sair de casa e para conviver com estranhos. Por quê? Como isso afeta a nossa experiência social, cultural e urbana? Como isso altera a nossa percepção sobre a cidade e a cidadania? O que pode ser feito para mudar isso? Se o imaginário da transgressão da ordem ainda está vivo, talvez seja o caso de pensar em como viabilizar a expressão dessa liberdade de ser em determinados espaços, permitindo a convivência e a exposição da diferença. Há muitas noites e muitos são os seus protagonistas (Gwiazdzinski, 2005). O período recente expôs a dificuldade que ainda temos em lidar com os antagonismos. Os jovens se viram imersos em uma vida pública constrita, em meio a uma forte demanda por sua participação em redes de interação virtual, presos em “bolhas” de entretenimento e opinião. O anúncio do fim da vida noturna é um alerta sobre uma democracia sem pessoas, uma cidadania sem encontros e uma urbanidade sem espaços. Mas a noite nunca tem fim...

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio e financiamento da pesquisa que resultou neste ensaio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. I. M. de. Consuming the Night: Space and Subjectivity in Contemporary Youth Culture. In: GOSS, J.; WARD, K. (ed.). Consuming the Entrepreneurial City. London: Routledge, 2008.

ALMEIDA, M. I. M.; TRACY, K. Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BERDOULAY, V.; CASTRO, I.; GOMES, P. L'espace public entre mythe, imaginaire et culture. Cahiers de Géographie du Québec, v. 45, n. 126, p. 413-428, 2001.

BERDOULAY, V.; LOLIVE, J.; GOMES, P. C. C. (Orgs.). L'espace Public à l'épreuve: régressions et émergences. Pessac, France: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 2019.

BROMLEY, R. D. F. et al. Exploring safety concerns in the night-time city: revitalising the evening economy. Town Planning Review, v. 71, n. 1, p. 71, 2000. DOI: 10.3828/tpr.71.1.rnk3336381678247.

CHATTERTON, P.; HOLLANDS, R. Urban Nightscapes: youth cultures, pleasure spaces and corporate power. London: Routledge, 2003.

CRESSWELL, T. Night Discourse: producing/consuming meaning on the street. In: FYFE, N. R. (Org.). Images of the Street: Planning, Identity, and Control in Public Space. London: Psychology Press, 1998.

DIXON, J.; LEVINE, M.; McAULEY, R. Locating Impropriety: Street Drinking, Moral Order, and the Ideological Dilemma of Public Space. Political Psychology, v. 27, n. 2, p. 187-206, 2006. DOI: 10.1111/j.1467-9221.2006.00002.x.

DURAKOVIĆ, E. The Semiotics of the Day-Night "Binary Opposition": Night as a Time and Space for Spirituality. Prilozi Za Orijentalnu Filologiju, v. 68, 2019.

GALLAN, B. Night lives: Heterotopia, youth transitions and cultural infrastructure in the urban night. *Urban Studies*, v. 52, n. 3, p. 555-570, 2015. DOI: 10.1177/0042098013504007.

GALLAN, B.; GIBSON, C. New Dawn or New Dusk? Beyond the Binary of Day and Night. *Environment and Planning A*, v. 43, n. 11, p. 2509-2515, 2011.

GÓIS, M. P. F. Paisagens Luminosas e Cenários Noturnos: formas, práticas e significados da noite na cidade do Rio de Janeiro. Niterói: EdUFF, 2017.

GÓIS, M. P. F. Mobilidade noturna: estudo sobre os circuitos urbanos noturnos na cidade do Rio de Janeiro. *Universitas Humanística*, Bogotá, n. 85, pp: 263-291, 2018. DOI:10.11144/Javeriana.uh85.mnes.

GÓIS, M. P. F. PARENTE-RIBEIRO, L.; GOMES, P. C. C.; GOMES, R. A. A.; LEITE, T. M.; IORIO, L. J.; LELES AMARAL, G.; DA SILVA CAMPOS, I. R.; DETTMANN, B. B. D.; FERREIRA, L. F. G.; ARAÚJO, P. L. C. Scenarios of social isolation during the first wave of the COVID-19 pandemic in Rio de Janeiro, Brazil. *Geographical Research*, v. 60, n. 1, 29-39, 2022. DOI: 10.1111/1745-5871.12508.

GOMES, P. C. C. A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GOMES, P. C. C. Espaços públicos e territórios. As relações entre espaço e poder na Geografia. *Punto Sur*, n. 3, p. 153-169, 2020. DOI: 10.34096/ps.n3.9702.

GOMES, P. C. C. Espaço Público, Espaços Públicos. *GEOgraphia*, Niterói, v. 20, n. 44, 2018. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. Espaços públicos como lugares da política. *Geografares*, n. 26, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/geografares/6209>. Acesso em: 23 ago. 2025.

GWIAZDZINSKI, L. La Nuit, Dernière Frontière de la Ville. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2005.

HIRATA, D. V.; GRILLO, C. C.; TELLES, V. da S. Guerra urbana e expansão de mercados no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 38, n. 111, p. e3811003, 2023.

HOLLANDS, R. Divisions in the Dark: Youth Cultures, Transitions and Segmented Consumption Spaces in the Night-time Economy. *Journal of Youth Studies*, v. 5, n. 2, p. 153-171, 2002. DOI: 10.1080/13676260220134421.

IÓRIO, L. J. Um Rio de Baixos: a distribuição espaço-temporal de espaços de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2021, [Online]. Anais.... [S. l.]: [s. n.], 2021.

JACOBS, J. The Uses of Sidewalks: Safety. In: JACOBS, J. The Death and Life of Great American Cities. 7. ed. New York: Routledge, 2020.

KUCHARSKI, A. et al. Early dynamics of transmission and control of COVID-19: a mathematical modelling study. The Lancet Infectious Diseases, v. 20, n. 5, p. 553-558, 2020.

LABCIDADE. Circulação para trabalho explica concentração de casos de Covid-19. [S. l.]: LabCidade, 2020a. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid-19/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

LABCIDADE. Para combater a covid-19, é preciso entender exatamente onde ela está. [S. l.]: LabCidade, 2020b. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/para-combater-a-covid-19-e-preciso-entender-exatamente-onde-ela-esta/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

LEE, C.; LEE, E. H. Evaluation of urban nightlife attractiveness for Millennials and Generation Z. Cities, v. 149, 2024. DOI: 10.1016/j.cities.2024.104934.

LEFEBVRE, H. Elementos de Ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LI, Y.; DAI, Z. Analysis of Geographically Anomalous 2019 novel coronavirus transmission in China. Journal of Geographic Information System, v. 12, n. 1, p. 96-111, 2020. DOI: 10.4236/jgis.2020.122006.

MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 2003.

MARVIN, S.; MCFARLANE, C.; GUMA, P.; HODSON, M.; LOCKHART, A.; MCGUIRK, P.; MCMEEKIN, A.; ORTIZ, C.; SIMONE, A.; WIIG, A. Post-pandemic cities: an urban lexicon of accelerations/decelerations. Transactions of the Institute of British Geographers, 48 (3), 452-473, 2023.

MISSE, M. Crime organizado e crime comum no Rio de Janeiro: diferenças e afinidades. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 13-25, out. 2011.

MOURA, E. C. et al. Covid-19: temporal evolution and immunization in the three epidemiological waves, Brazil, 2020–2022. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 56, n. 105, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004907>. Acesso em: 23 ago. 2025.

NEWTON, A.; HIRSCHFIELD, A. Violence and the night-time economy: A multi-professional perspective. An introduction to the Special Issue. *Crime Prevention and Community Safety*, v. 11, n. 3, p. 147–152, 2009. DOI: 10.1057/cpcs.2009.10.

NOFRE, J.; GARCIA-RUIZ, M.; MARTINS, J. C. Demonizing the Nightlife: the “Pandemic Panic” and Youth Responses in Portugal and Spain. In: NOFRE, J.; GARCIA-RUIZ, M. (ed.). *COVID-19: Individual Rights and Community Responsibilities*. London: Routledge, 2023.

NOFRE, J. M.; ELDRIDGE, A. *Exploring Nightlife: Space, Society and Governance*. London: Rowman & Littlefield Int. Ltd., 2018.

PATRÍCIO, J. V. S. As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade do “fervo” gay na área central do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2023.

PEREIRA, R. H. M. et al. Mobilidade urbana e o acesso ao Sistema Único de Saúde para casos suspeitos e graves de Covid-19 nas vinte maiores cidades do Brasil. Brasília: IPEA, 2020. (Nota Técnica, n. 14, Dirur).

PERRONE, C. ‘Downtown Is for People’: The street-level approach in Jane Jacobs' legacy and its resonance in the planning debate within the complexity theory of cities. *Cities*, v. 91, p. 10-16, 2019. DOI: 10.1016/j.cities.2018.12.023.

ROBERTS, M. ‘A big night out’: Young people’s drinking, social practice and spatial experience in the ‘liminoid’ zones of English night-time cities. *Urban Studies*, v. 52, n. 3, p. 571-588, 2015. DOI: 10.1177/0042098013504005.

ROY, S.; CHOWDHURY, I. R. Cityscapes at Night: Exploring Nightlife Activities on Urban Crime Dynamics Through Bibliometric Lenses. *Annals of the American Association of Geographers*, v. 115, n. 2, p. 334–362, 2024. DOI: 10.1080/24694452.2024.2431293.

SHAW, R. Night as Fragmenting Frontier: Understanding the Night that Remains in an era of 24/7. *Geography Compass*, v. 9, n. 11, p. 637–647, 2015. DOI: 10.1111/gec3.12250.

SILVA, J. S. Geografia(s) Gays: a expressão dos territórios da noite no bairro Centro em Fortaleza/CE. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2025.

SOTT, M. K.; BENDER, M. S.; DA SILVA BAUM, K. Covid-19 Outbreak in Brazil: Health, Social, Political, and Economic Implications. *International Journal of Health Services*, v. 52, n. 4, p. 442-454, 2022. DOI: 10.1177/00207314221122658.

STRAW, W. Rethinking the spaces of night-time sociability. In: Gammel, I.; Wang, J. (Eds.). *Creative Resilience and COVID-19*. London: Routledge, 2022.

THE LANCET. COVID-19 in Brazil: "So what?". *The Lancet*, [S. l.], v. 395, n. 10235, p. 1461, 2020. DOI: 10.1016/S0140-6736(20)31095-3.

TURRA NETO, N. *Geografias da noite: exemplos de pesquisa no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

WELSH, B. C.; FARRINGTON, D. P. Effects of Improved Street Lighting on Crime. *Campbell Systematic Review*, v. 4, n. 1, p. 1-51, 2008.